

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Estudo 6 – O “Porquê” das Lamentações

Lamentações 1 a 5

Elaborado por Ana Maria Suman Gomes
anasuman@pibri.org.br

O pequeno livro objeto do nosso estudo de hoje **foi escrito em forma de poesia**. Cinco poemas divididos em assuntos específicos seguem o estilo de Lamentações, forma literária usada desde a época dos sumerianos, povo do Oriente Médio que ficou conhecido por registrar sua história em forma de lamentos. Cada um dos poemas tem 22 versos, à exceção do terceiro, que contém 66, ou seja, 3 vezes 22. Os poemas 1, 2 e 4 são acrósticos simples e o terceiro tem 3 versos para cada uma das letras do alfabeto hebraico. A análise do texto conclui que a composição literária demandou tempo, cuidado, zelo, capricho.

O livro foi considerado parte obrigatória de leitura nas festas de Israel. Ainda hoje é lido quando os judeus observam o Dia em Memória da Destruição do Templo. Para os católicos, é parte integrante dos momentos litúrgicos da chamada Semana Santa.

Há divergências com relação à data em que foi escrito. A pesquisa bíblica sugere uma data mais recuada, **586 a.C.** Há quem aponte o ano de **516 a.C.** para a conclusão do livro, época quando houve a dedicação do novo templo, após os trabalhos de Neemias e de Esdras. Ainda há quem entenda que os poemas foram escritos em **575 a.C.**, quando os eventos estavam acontecendo. A justificativa para isto é exatamente a emoção com que os poemas retratam as tragédias que envolveram Jerusalém e o povo de Deus, tragédias estas que acabamos de recordar, ao estudarmos as profecias de Jeremias.

“Como está deserta a cidade, antes tão cheia de gente! Como se parece com

uma viúva, a que antes era grandiosa entre as nações! A que era a princesa das províncias agora tornou-se uma escrava. Chora amargamente à noite, as lágrimas rolam por seu rosto. De todos os seus amantes nenhum a consola. Todos os seus amigos a traíram; tornaram-se seus inimigos. Em aflição e sob trabalhos forçados, Judá foi levado ao exílio. Vive entre as nações sem encontrar repouso. Todos os que a perseguiram a capturaram em meio ao seu desespero. Os caminhos para Sião pranteiam, porque ninguém comparece às suas festas fixas. Todas as suas portas estão desertas, seus sacerdotes gemem, suas moças se entristecem, e ela se encontra em angústia profunda.” Lm. 1, 1-4.

Outro ponto que ainda não foi solucionado é a questão da autoria. Até o século 19, era praticamente unânime a idéia de que Jeremias havia sido o autor dos poemas. Tanto assim pensavam que a versão dos LXX e a Vulgata inseriram a expressão “ de Jeremias” ao nome anterior, Lamentos ou Lamentações. Os pesquisadores encontram uma séria de justificativas para acenarem para uma autoria diferente da de Jeremias, mas não apontam outro nome. Apenas dizem que bem podem ter sido escrito por alguém próximo a Jeremias que tenha sido testemunha ocular dos fatos vividos e anunciados pelo profeta.

Alguns temas são tratados nos poemas. Por questão de tempo, vamos apenas citá-los, indicando onde estão registrados.

Para o autor, a devastação e matança em grande escala que atingiram Jerusalém atingiram de forma igual a

reis (2, 6 e 9; 4,20), príncipes (4, 7 e 8), líderes (1,19; 2,10; 4,16 e 5,12), sacerdotes (1, 4 e 19; 2, 6 e 20 e 4,16), profetas (2,9 e 20) e também ao povo comum (2, 10-12; 3,48 e 4,6). A ênfase aqui é na palavra igualmente, que une, sob o drama da destruição, todas as classes de pessoas. Nenhuma foi poupada. Todos sofreram da mesma forma.

Os poemas descrevem mães famintas que se reduzem ao canibalismo (2, 20 e 4,10), a fina flor dos cidadãos de Judá sendo arrastada para o exílio degradante (1,3 e 1,18) e o término de um sistema de adoração tido como primoroso (1, 4 e 10).

No pensamento do autor, os babilônios agiram como agentes de Deus, porque Deus mesmo havia destruído a cidade e o Templo. (1, 12-15; 2,1-8, 17 e 22; 4,11). Deus assim agiu em resposta ao pecado do povo e ao rompimento da Aliança (1, 5, 8 e 9; 4,13; 5,7 e 16). O choro seria o resultado esperado (1,16; 2,11 e 18; 3,48-51) assim como o clamor contra o inimigo (1,22; 3, 59-66). Apesar de choro e clamor serem naturais em circunstâncias assim, a reação adequada seria o arrependimento de todo o coração, como segue: "Como pode um homem reclamar quando é punido por seus pecados? Examinemos e coloquemos à prova os nossos caminhos, e depois voltemos ao SENHOR. Levantemos o coração e as mãos para Deus, que está nos céus, e digamos: Pecamos e nos rebelamos, e tu não nos perdoaste." Lm 3, 39-42.

Este ponto é essencial. É preciso entender que, para o autor, tudo aquilo pelo qual o povo passou até chegar à destruição de Jerusalém havia sido obra de Deus. Vemos, então, Deus sendo o agente de todas as ações praticadas por Nabucodonozor. Quando analisamos aqueles fatos com o distanciamento histórico que nos é possível ter, enxergamos que o entendimento do autor do livro estava correto e que hoje, tantos e tantos anos

depois, nós que já vivemos no tempo glorioso após a plenitude dos tempos efetivada em Jesus, podemos acrescentar que **todos os momentos de atuação de Deus na vida do povo de Israel foram proporcionados pelo amor de Deus, que desejava "buscar e salvar aquele que se havia perdido"**. É sempre assim: é o amor de Deus que busca, que repreende, que corrige e que sara. Louvemos a Deus por este tão grande amor.

Interessante observarmos que ainda hoje encontramos muita dificuldade em assumirmos que as circunstâncias podem ter sido apenas conseqüências dos nossos erros e devem nos levar ao arrependimento de coração. Mais fácil é culpar A ou B pelo que passamos, reclamar de tudo e de todos. Chegar ao arrependimento que conduz à cura, isto sim relutamos em fazer.

O ápice do livro descreve a bondade de Deus, que é Senhor da esperança (3,21, 24 e 25), do amor (3,22), da fidelidade (3,23) e da salvação (3,26). Para ele, Deus é o fiel portador da misericórdia inesgotável que se renova a cada manhã (3, 22 e 23). Aqui encontramos as palavras mais conhecidas do livro, que são repetidas em momentos de grande angústia ou de enorme alegria:

"Todavia, lembro-me também do que pode me dar esperança: Graças ao grande amor do SENHOR é que não somos consumidos, pois as suas misericórdias são inesgotáveis. Renovam-se cada manhã; grande é a sua fidelidade! Digo a mim mesmo: A minha porção é o SENHOR; portanto, nele porei a minha esperança.O SENHOR é bom para com aqueles cuja esperança está nele, para com aqueles que o buscam." Lm 3, 21-25.

Precisamos concluir e o faremos apresentando uma sugestão de esboço para este livro. O primeiro poema fala da desgraça e da desolação de Jerusalém. Aqui Jerusalém toma a

palavra e interpreta teologicamente a sua própria experiência.

O segundo poema apresenta a ira do Senhor contra o Seu povo. Aqui a cidade é convocada a clamar, a lamentar e a suplicar.

O poema seguinte, o terceiro, fala da queixa de Judá e apresenta a base para o consolo que deve encontrar.

O quarto poema mostra a oposição entre o passado e o presente de Sião. É apresentada uma descrição com imagens que opõem o passado glorioso ao presente opressor. O quinto e último poema é uma oração. Nele Judá recorre ao perdão divino.

Eu gostaria de lhe sugerir que ainda hoje faça uma nova leitura deste livro. Tente identificar em cada poema os versículos que justificam a sua

classificação e assim, uma vez conscientes de tudo o que temos diante de nós, você possa, como fez o autor no último poema, ser levado ou ser levada à presença do Senhor em oração e, na oportunidade, orar com inteligência e com sinceridade de coração: "Tu, SENHOR, reinas para sempre; teu trono permanece de geração em geração. Por que motivo então te esquecerias de nós? Por que haverias de desamparar-nos por tanto tempo? Restaura-nos para ti, SENHOR, para que voltemos; renova os nossos dias como os de antigamente, a não ser que já nos tenhas rejeitado completamente e a tua ira contra nós não tenha limite!" Lm. 5, 19-22. Que possamos todos clamar a uma só voz: "Restaura-nos para ti, Senhor, para que voltemos; renova os nossos dias como os de antigamente." Amém.

Apoio bibliográfico:

LA SOR, William S. et all. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova
SICRE, José Luís. Introdução ao Antigo Testamento. Petrópolis: Vozes.
SICRE, José Luís. Profetismo em Israel – O Profeta, Os Profetas, A mensagem. Petrópolis: Vozes.
ZENGER, Erich et all. Introdução ao Antigo testamento. São Paulo: Loyola.